

ANÁLISE DO DISCURSO: O MODELO DE ANÁLISE MODULAR

Micheline Mattedi Tomazi*
Raquelli Natale**

Resumo: Este artigo visa a apresentar, entre as teorias da Análise do Discurso, o Modelo de Análise Modular (MAM), que consiste num instrumento eficiente para uma abordagem interacionista da complexidade discursiva. O MAM oferece um quadro teórico-metodológico que permite ao analista a compreensão da complexidade discursiva, a partir da articulação entre os planos linguístico, textual e situacional do discurso. Justifica-se a escolha desta teoria com o intento de apresentá-la e ainda contribuir para que a comunidade acadêmica conheça a versão atual do modelo, bem como as discussões teóricas e os trabalhos que têm surgido em diferentes pesquisas no Brasil, que tomam o MAM como aporte teórico-metodológico. Na primeira parte do artigo serão realizadas algumas considerações sobre o modelo e seu surgimento e logo após definidos os elementos basilares para a sua criação, bem como as etapas que marcaram sua história. Na seção seguinte, serão apresentados os módulos e as formas de organização do discurso no MAM para, em seguida, tecer os comentários conclusivos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Modelo de Análise Modular. Complexidade Discursiva.

Abstract: This article aims to present, within the theories of Discourse Analysis, the Modular Analysis Model (MAM), that consists in a efficient instrument of interactionist approach of the discursive complexity. The MAM has a structure theorist-methodological that permits the analyst to understand the discursive complexity, starting from the articulation between textual, situational and linguistic plans of discourse. The choice of this theory has the intention to introduce and to contribute for the knowledge of the academic community and the current version of the model, as well as the theoretical discussions and the jobs in different searches in Brazil that uses the MAM. In the first part of the article will be made some considerations about the model and its incipience and after defined the basic elements for its foundation, and the steps that have marked its history. In the following section will be presented modules and the forms of organization of discourse in MAM and then weave the concluding comments.

Keywords: Discourse Analysis. Modular Analysis Model. Discursive Complexity.

* Professora doutora do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Vitória, Espírito Santo, Brasil, mimattedi@hotmail.com

** Graduanda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Aluna PIBIC de Iniciação Científica, Vitória, Espírito Santo, Brasil, raquellinatale@yahoo.com.br

Introdução

Diversas teorias têm sido desenvolvidas em diferentes perspectivas para buscar a compreensão da complexidade das produções discursivas. A Análise do Discurso tem-se mostrado uma tendência vigorosa entre os pesquisadores que tentam articular organização textual e situações de comunicação. Entre essas diferentes teorias da Análise do Discurso está o Modelo de Análise Modular (MAM), desenvolvido por uma equipe de pesquisadores da Universidade de Genebra, que aglutina contribuições de diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa relacionadas à argumentação, à interação, à enunciação, à psicologia, à sociologia, entre outras.

O MAM, em diálogo profícuo com várias correntes, constrói-se como um “modelo heterárquico” que tem como preocupação a dinâmica do discurso com enfoque na argumentação, na interação e na enunciação. Por assumir-se como um modelo que integra, combina e articula as dimensões linguística, textual e situacional, a partir de uma abordagem interacionista da complexidade discursiva, a perspectiva dialógica e interacionista de Bakhtin torna-se uma influência significativa para a construção do conjunto de proposições que o compõe como um modelo teórico-metodológico. Isso porque é a abordagem bakhtiniana de discurso como interação verbal que sustenta a concepção de discurso como a combinação de informações dessas dimensões. É, pois, a noção de discurso de Bakhtin indispensável para a compreensão da articulação e da complexidade do discurso para os pesquisadores do MAM.

Este artigo, além de visar a apresentar o MAM como um modelo que oferece um quadro teórico-metodológico eficaz para uma abordagem interacionista da complexidade e da heterogeneidade do discurso, pretende contribuir para que se conheça a versão atual do modelo e como essa versão tem promovido discussões e reflexões teóricas e/ou metodológicas, no Brasil, a partir de pesquisas que tomam o MAM como instrumental teórico-metodológico.

O Modelo de Análise Modular

A preocupação com a elaboração de um modelo de análise de discurso, que pudesse dar conta da complexidade discursiva, teve início na Universidade de Genebra, com Eddy Roulet (2001) e seu grupo de pesquisadores, ao propor um quadro de análise do discurso que pudesse descrever e explicar os diferentes aspectos discursivos relacionados a uma interação.

O MAM constrói-se a partir da hipótese de que um objeto que possui uma organização complexa como o discurso pode ser decomposto em um determinado número de sistemas de informações simples e autônomos, procura integrar, num quadro unificado, os componentes linguístico textual e situacional, tendo por base a noção de interação verbal.

De acordo com Roulet (1999, p. 139-140), um modelo de organização do discurso deve satisfazer às seguintes exigências:

(1) Engendrar as estruturas linguísticas, textuais e referenciais de todas as produções discursivas possíveis – monologais ou dialogais – o que diz respeito à existência de mecanismos recursivos;

(2) Definir, de forma precisa, os constituintes dessas estruturas e as inter-relações estabelecidas entre eles;

(3) Dar conta do encadeamento e da hierarquia das informações no discurso;

(4) Dar conta da polifonia nas produções discursivas, bem como de seus diferentes níveis de encaixamento e da integração entre os mesmos;

(5) Dar conta dos diferentes tipos de sequência que podem constituir o discurso em diferentes níveis de encaixamento e de suas combinações;

(6) Dar conta da pontuação das produções discursivas, orais ou escritas;

(7) Dar conta das situações de interação do discurso, bem como das interações que ele pode representar em diferentes níveis de encaixamento;

(8) Dar conta do(s) universo(s) do discurso, ou seja, das representações dos mundos nos quais o discurso se inscreve e dos quais ele fala;

(9) Dar conta das inferências que comandam a organização do discurso;

Para Roulet, Filliettaz, e Grobet (2001, p. 7), “ce modèle se veut ainsi à la fois un instrument de *représentation*, un instrument de *description* et un instrument de

développement”¹². Primeiro, ele dá uma representação da complexidade da organização do discurso em seus componentes: linguístico, situacional e textual, que ultrapassa os níveis de representação frástica ou mesmo textual, para alcançar uma representação discursiva, que integre todas as dimensões de um discurso. Depois, há uma ferramenta para descrever sistematicamente as diferentes dimensões e formas de organização do discurso autêntico e as inter-relações entre elas. Por fim, o modelo propõe um quadro de desenvolvimento para articular as questões levantadas pela análise de discursos particulares, reavaliar e, eventualmente, modificar as hipóteses iniciais, bem como aprofundar suas pesquisas.

Dessa maneira, a hipótese modular é sustentada pela visão de que cada um dos componentes do discurso é constituído de subsistemas independentes, os módulos, que são distribuídos em subconjuntos nas três dimensões: a linguística (aspecto sintático e lexical); a textual (aspecto hierárquico); e a situacional (aspecto referencial e interacional). Esses subsistemas independentes que constituem os módulos fornecem informações simples que são combinadas com as informações extraídas de sete formas de organização elementares, para, depois, serem descritas as cinco formas de organização complexas.

As etapas do Modelo de Análise Modular: história e perspectivas

Para melhor compreender o MAM e entender por que ele funciona como um instrumental teórico-metodológico, que procura dar conta daquilo que diz respeito ao conhecimento sobre o discurso, podemos traçar um breve histórico do MAM que, segundo Roulet (1999, p. 141-145), passou por três etapas até chegar a sua apresentação atual com todos os módulos, as dimensões e as formas de organização que o compõem.

A primeira etapa teve início em 1979, quando Roulet e seu grupo de pesquisadores constataram a necessidade de ultrapassar os estudos que foram realizados nos anos 70. Naquele momento, os estudiosos entenderam que seria necessário descrever as formas e as funções dos discursos autênticos, ou seja, daqueles discursos não fabricados para fins de análise. Nesse contexto, os pesquisadores coletaram e analisaram diálogos gravados numa

¹ “O modelo pretende ser simultaneamente um instrumento de *representação*, um instrumento de *descrição* e um instrumento de *desenvolvimento*” (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 7, grifos do autor).

² Todas as traduções realizadas neste artigo são de inteira responsabilidade das autoras.

livraria, numa agência de viagens e em entrevistas radiofônicas. No entanto, conforme explica Roulet (1999), a análise de tipos de diálogos muito diversificados apresentou problema na apreensão das regularidades do discurso, diante de tamanha diversidade de dados observados.

A partir disso, Roulet e sua equipe, tendo por base os trabalhos de outros estudiosos como Pike (1967), Goffman (1973,1974), Ducrot. et.al (1980) e também do primeiro modelo hierárquico de diálogo que foi proposto por Sinclair & Coulthard (1975), elaboraram um modelo recursivo da estrutura hierárquica do diálogo fundado sobre o conceito de negociação e na adoção de: 1º) três categorias de base: a troca, a intervenção e o ato de linguagem; 2º) relações ilocucionárias e interativas entre esses constituintes; 3º) marcadores dessas relações. Esse modelo, aos poucos, foi sendo estendido à análise de textos monológicos, assim como às dimensões dinâmica e polifônica do discurso.

Nessa primeira etapa, esse modelo, que era recursivo porque procurou atender às necessidades imediatas e mais complexas de análise de discursos que as outras teorias não conseguiram atender, mostrou-se capaz de dar conta de uma diversidade destes. No entanto, apresentou alguns problemas como: o de não propor um tratamento satisfatório das unidades de nível superior do discurso; o de não propor uma solução satisfatória para o tratamento dos encadeamentos envolvendo os constituintes implícitos dos discursos; e o de se contentar somente em propor descrições correspondentes a uma ou mais interpretações de um discurso, sem procurar explicações sobre como alcançar tais interpretações. Essa primeira etapa estendeu-se até 1989.

A partir daí, em 1990, numa segunda etapa, enfocaram-se as múltiplas dimensões da organização do discurso. Nessa fase, os estudiosos se aprofundaram nos problemas da complexidade do objeto, da globalidade da proposta e da integração entre as dimensões, ainda que isso obrigasse a satisfazer as pesquisas acerca do discurso, com avanços modestos, ou mesmo com aproximações na descrição de dimensões específicas, tendo em vista que alguns pesquisadores, cujas pesquisas sobre o modelo estavam sendo publicadas em periódicos especializados, procuraram apenas aprofundar de maneira pontual uma das dimensões a ser levada em conta segundo um método bem definido. Desse modo, em 1991, Roulet propôs um primeiro modelo constituído dos três componentes: linguístico, textual e situacional, abrangendo quinze módulos.

Esse elevado número de módulos dificultou a formulação de regras que associavam as informações provenientes dos mesmos. Foi assim que em 1995, Roulet constatou ser impossível defender a autonomia de certos módulos e chegou à conclusão de que seria necessário reduzir esse número excessivo, assim como reduzir também o sistema de informações próprio de cada módulo a noções mais elementares possíveis. As pesquisas nessa segunda etapa reformulam o modelo em números menores de módulos e se estendem até o final de 1995.

Por fim, na terceira etapa, que teve início a partir de 1996, procurou-se analisar como dar conta apenas da complexidade da organização do discurso. Nessa fase, as pesquisas sobre o modelo permitiram não apenas tratar com maior precisão e profundidade as dimensões do diálogo, mas também evidenciar os problemas que surgiram na primeira etapa do modelo.

A apresentação do modelo atual, para Roulet (2001, p. 42), pressupõe uma dupla exigência: 1ª) Decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de subsistemas (ou módulos), reduzidos a informações mais elementares; 2ª) Descrever, de maneira bastante precisa a forma através da qual essas informações podem ser combinadas para dar conta das diferentes alternativas de organização dos discursos analisados.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet,

le modèle proposé ici ne fournit pas une procédure mécanique de découverte, c'est-à-dire un ensemble de recettes qui, appliquées rigoureusement, conduisent nécessairement à une bonne description du discours étudié, mais un cadre de réflexion et des instruments heuristiques propres à favoriser la description de l'organisation de discours authentiques (c'est-à-dire non fabriqués pour les besoins de l'analyste), en allant du simple au complexe³ (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 33).

Os módulos e as formas de organização do discurso no Modelo de Análise Modular

³ “O modelo proposto aqui não fornece um procedimento mecânico de descoberta, um conjunto de receitas que aplicadas rigorosamente, conduzem necessariamente a uma boa descrição do discurso estudado, mas um quadro de reflexão e de ferramentas específicas para facilitar a descrição da organização de discursos autênticos (ou seja, não fabricados para as necessidades do analista), que vai do simples ao complexo” (ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001, p. 33).

Como vimos anteriormente, o Modelo de Análise Modular genebrino, de acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 44-49), na versão atual, foi formulado a partir de três níveis de análise, relacionados às três dimensões do discurso:

- a) Dimensão Situacional: diz respeito ao universo de referências e à situação de interação.
- b) Dimensão Textual: diz respeito à estrutura hierárquica do texto.
- c) Dimensão Linguística: são levados em consideração a sintaxe e o léxico da(s) variedade(s) da(s) língua(s) utilizada(s).

Dessas três dimensões do discurso resultam cinco módulos, que definem as informações que podem ser descritas de maneira independente: módulo referencial, módulo interacional, módulo hierárquico, módulo sintático e módulo lexical.

O *módulo referencial* é definido como um componente do modelo que trata dos elos que o discurso mantém com o mundo no qual ele é produzido, assim como das relações que o ligam com o(s) mundo(s) que ele representa (MARINHO, 2008). Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) explicam que o módulo referencial diz respeito às representações conceituais e praxeológicas das atividades, assim como aos seres e objetos constituintes dos universos nos quais o discurso se inscreve e do qual fala.

Na abordagem genebrina, ao contrário das abordagens cognitivistas individualistas, que consideram apenas os recursos cognitivos que os indivíduos mobilizam na interação, a dimensão referencial possui um caráter metodológico psicossocial, pois leva em consideração o papel das mediações sociais na construção da forma pela qual os agentes, engajados em certa linha de conduta, representam os contextos de atividades. Ainda, nessa abordagem, o módulo referencial tem de descrever não só as representações esquemáticas (praxeológicas e conceituais), implicadas no discurso, mas também as estruturas ou configurações emergentes, que resultam das realidades discursivas particulares.

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a dimensão referencial do discurso trata da capacidade de questionar as relações que a produção de linguagem tem com as situações em que são produzidas e, para comprovar isso, basta considerar a estreita relação entre o desempenho verbal com os dados da forma situacional.

Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) definem o módulo referencial como o componente básico do modelo modular especializado na descrição das relações que o discurso tem com o mundo em que é produzido e com o mundo que ele representa.

A abordagem modular propõe descrever as representações conceituais esquemáticas que constituem informações centrais e tipicamente relevantes numa atividade particular, na medida em que elas contribuem para determinar a “completude pragmática” das ações discursivas (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, p. 131). Essas representações conceituais esquemáticas estão ancoradas na hipótese de que os sujeitos falantes adquirem e dominam, em graus diversos, um conjunto de representações prototípicas de seres e objetos relativos a um campo de atividade, independente de uma interação particular.

O *módulo interacional* define as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação em diferentes níveis: canal escrito ou oral, alternância de turnos de fala ou escritura, co-presença ou distância espaço-temporal, reciprocidade ou não no processo comunicacional. Segundo a abordagem modular da complexidade discursiva, a dimensão interacional define as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que ele representa em diferentes níveis. Essas propriedades materiais definem o enquadre da interação a partir de três parâmetros: o canal (oral, escrito ou visual), o modo (posição dos interactantes num mesmo ambiente ou sua distância espacial ou temporal), e o tipo de vínculo da interação (define a unidirecionalidade, ou seja, contato onde somente uma das partes comunica na ausência física da reação do outro e a reciprocidade da interação, ou seja, cada interactante pode reagir à proposta do outro). Para Marinho (2002, p. 49), “o papel do módulo interacional é delimitar os níveis de interação e especificar suas características”. De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet, (2001, p. 46) esse módulo define as propriedades materiais da situação do discurso e das situações de interação que ela representa em diferentes níveis. Ele trata, conseqüentemente, da materialidade interacional, por meio da qual é feito o discurso, e não de uma materialidade já significativa por convenção, no plano linguístico, do fonema ou da gramática. Assim sendo, a materialidade de uma interação pode ser definida pelos três parâmetros citados acima: canal de interação, modo interacional e relação/vínculo interacional.

O *módulo hierárquico*, para a abordagem modular genebrina, define as categorias e as regras que permitem engendrar estruturas hierárquicas de todos os textos possíveis, de

maneira análoga ao módulo sintático para *clauses* possíveis, por meio de uma metodologia descendente, ou seja, das unidades discursivas para as unidades linguísticas. Para o MAM, existem três categorias de constituintes discursivos que formam a base estrutural de um texto e são assim definidos: troca (T), maior unidade dialogal, articulada em torno de três fases: proposição, reação e ratificação; intervenção (I), maior unidade monologal; e ato (A), menor unidade textual. Os constituintes de um texto possuem entre si relações genéricas ilocucionárias e interativas que, segundo Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 166-167), “des listes ouvertes de relations fines, (...), suffisent pour décrire toutes les formes de discours, dialogiques et monologiques”.⁴

Para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), o módulo hierárquico é o resultado dos processos de negociação entre os interactantes subjacentes à interação discursiva textual. Esse módulo tem como base a hipótese de que toda interação verbal se caracteriza por um processo dinâmico de negociação, subjacente a toda interação, no qual os interactantes iniciam proposições, reagem a elas e as ratificam. De acordo com Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 57), “toute intervention langagière (salut, requête, assertion, etc.) constitue une PROPOSITION, qui déclenche un processus de négociation entre les interactants”.⁵

Essa negociação conjunta dos interactantes levará à construção de unidades textuais complexas, subjacentes a um processo de negociação e é esse processo que as estruturas propostas no módulo hierárquico buscam reconstruir e tornar visíveis.

O *módulo sintático* está ligado ao componente linguístico do discurso e consiste num conjunto de regras que determinam as categorias e construções de proposições em uso numa língua ou variedade de uma língua (MARINHO, 2008). Ele diz respeito a um conjunto de regras que determinam as categorias e as construções de *clauses* no uso de uma língua. Ele indica, também, as instruções que são fornecidas por certos morfemas, como os pronomes anafóricos, e os tempos verbais, ou certas estruturas sintáticas, como as construções deslocadas ou clivadas, que visam a facilitar a interpretação do discurso.

⁴ “Embora encubram as nuances mais finas, são suficientes para descrever todas as formas de discurso, tanto dialógico quanto monológico”. (ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001, p.166-167).

⁵ “Toda intervenção linguageira (cumprimento, pedido, asserção, etc) constitui uma PROPOSIÇÃO, que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes”. (ROULET, FILLIETTAZ e GROBET, 2001, p.57, grifos do autor).

O *módulo lexical* consiste num dicionário em que são definidas a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e os sentidos das palavras de diferentes variedades da língua. Marinho (2008) explica que nesse módulo são indicados os sentidos conceituais dos lexemas que contenham um conteúdo referencial, por exemplo, os nomes, assim também os sentidos das formas dêiticas, dos conectores, entre outros mecanismos linguísticos, que orientam sobre as informações que devem ser recuperadas para a produção de efeitos de sentido e interpretação do discurso.

Dessa forma, os módulos definem cinco tipos de informações de base, que podem ser descritas de maneira independente. Na verdade, a informação dos vários módulos é combinada em constante produção e interpretação do discurso. É a combinação desses diferentes sistemas de informações que pode dar conta da complexidade do discurso.

Assim, as formas de organização do discurso consistem em sistemas de informações complexas uma vez que surgem das relações estabelecidas entre os sistemas de informações elementares ou módulos. A combinação das informações desses módulos pode constituir as *formas de organização elementares*, que se baseiam em categorias que devem ser definidas pelas regras de emparelhamento das informações originadas dos módulos. O MAM define sete formas de organização elementares: fono-prosódica ou gráfica, semântica, operacional, relacional, sequencial, informacional e enunciativa.

A *forma de organização fono-prosódica ou gráfica* procura descrever as representações relativas às propriedades prosódicas dos lexemas e, particularmente, a estrutura prosódica de base.

A *forma de organização semântica* preocupa-se em descrever as representações semânticas (ou formas lógicas) das orações (*clauses*), que constituem uma das entradas dos processos inferenciais.

A *forma de organização operacional* integra as descrições das dimensões verbal e acional do discurso, combinando informações dos módulos hierárquico e referencial.

A *forma de organização relacional* procura descrever as relações funcionais entre os constituintes textuais e as informações da memória discursiva dos interlocutores com base no acoplamento entre informações das dimensões linguística, hierárquica e referencial. Segundo Marinho (2008), na ausência dos conectores para a acoplagem entre as informações de natureza hierárquica e as informações de ordem lexical e sintática, descreve-se a organização

relacional de um texto a partir das informações de natureza hierárquica com as de natureza referencial.

A *forma de organização sequencial* procura definir e identificar em um discurso sequências típicas como: narrativa, descritiva e deliberativa, com base no acoplamento de informações hierárquicas e referências. Para Marinho (2008), essa forma de organização consiste no reconhecimento dos tipos de sequências que constituem o texto.

A *forma de organização informacional* visa tratar da continuidade tópica bem como da progressão das informações que são ativadas no texto em análise, tendo, pois, uma preocupação em demonstrar como o encadeamento de ideias é articulado no texto em função da continuidade tópica e da manutenção temática. Assim, essa forma de organização reconhece o tópico e o propósito de cada ato, fundamentando-se em informações de origem hierárquica, linguística e/ou referencial.

A *forma de organização enunciativa* trata dos segmentos de discursos produzidos e representados no discurso de locutores. Ela é composta pela acoplagem de informações procedentes da ligação dos discursos com os níveis do enquadre interacional (*módulo interacional*), da ordem linguística, quando os discursos representados são marcados (*módulo lexical*) e das informações de origem situacional (*módulo referencial*), caso os discursos não venham marcados. Nessa forma de organização, torna-se indispensável assinalar as variadas formas discursivas que constituem uma enunciação. Ou seja, para descrever a organização enunciativa é necessário definir e distinguir o discurso *produzido* daquele que é *representado*, nos diferentes níveis de uma intervenção. O discurso *produzido* corresponde àquilo que o locutor diz/produz e ocupa o nível mais externo de uma interação. Já o discurso *representado* corresponde ao que Bakhtin chamou de discurso citado, ou seja, é aquele em que o locutor diz o que alguém disse: é a voz (alheia) que ele reproduz em seu discurso e que ocupa o nível mais interno de uma interação.

O acoplamento entre informações originadas dos módulos e das formas de organização elementares é apenas uma etapa de análise, que será complementada com a análise das formas de organização complexa. O MAM distingue cinco *formas de organização complexas*: composicional, periódica, tópica, polifônica e estratégica.

A *forma de organização composicional* trata das formas e das funções das sequências típicas, já descritas na análise da organização sequencial, e repousa sobre a combinação de

informações dos módulos hierárquico, referencial e linguístico e das formas de organização sequencial e relacional. Segundo Marinho (2008), nessa parte da análise, o objetivo é descrever as propriedades formais, cotextuais e contextuais das sequências discursivas, combinando as informações dos módulos e das formas de organização descritas acima.

A *forma de organização periódica* trata da pontuação do discurso, tanto oral, quanto escrito, e é usada para definir as informações originadas do módulo hierárquico e da organização fono-prosódica ou gráfica, do módulo interacional e do módulo referencial. Vilela (2004) explica que essa forma de organização revela o modo como o texto avança e se organiza no tempo.

A *forma de organização tópica* trata do encadeamento das informações no discurso, para descrever as relações hierárquicas e de derivação entre os propósitos e para dar conta da gestão dinâmica deles. Ela resulta da acoplagem de informações extraídas das análises dos módulos hierárquico, referencial, sintático e lexical, bem como das formas de organização informacional e relacional.

A *forma de organização polifônica* procura descrever as funções dos segmentos de discurso produzidos e representados, a partir da análise da organização enunciativa. Essa forma de organização procura dar conta das vozes presentes no discurso por meio da inter-relação de informações de natureza diversa, resultado do acoplamento de informações dos módulos hierárquico, linguístico, interacional e referencial, assim como das formas de organização enunciativa, relacional e tópica.

A *forma de organização estratégica* descreve as relações de faces e de lugares entre os interactantes, e repousa sobre o acoplamento de informações de ordem referencial, interacional, prosódica, operacional, polifônica e tópica. Essa forma de organização procura descrever a maneira como locutor/escritor ou os participantes da interação gerenciam as relações de faces e lugares no discurso. Essa análise demonstra como os interactantes evitam ameaças às suas faces numa interação e desenvolvem estratégias ou mecanismos de figuração para evitar a ativação de certos objetos de discurso.

Todo esse procedimento teórico-metodológico é apresentado num quadro que procura representar o sistema modular proposto pelos pesquisadores do modelo de análise modular a partir da proposta de Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 51):

| | Módulos <dimensões> | formas de organização | |
|-------------|--|---|---|
| | | <elementares> | <complexas > |
| LINGÜÍSTICO | <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 30px; margin: 5px auto; text-align: center;">lexical</div> <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 30px; margin: 5px auto; text-align: center;">sintática</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">Fono-prosódica ou gráfica</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">semântica</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">relacional</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">periódica</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">tópica</div> |
| TEXTUAL | <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 30px; margin: 5px auto; text-align: center;">hierárquica</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">informacional</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">enunciativa</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">polifônica</div> |
| SITUACIONAL | <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 30px; margin: 5px auto; text-align: center;">referencial</div> <div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 100px; height: 30px; margin: 5px auto; text-align: center;">interacional</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">sequencial</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">operacional</div> | <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">composicional</div> <div style="border: 1px solid black; width: 100%; height: 30px; text-align: center;">estratégica</div> |

Quadro 1: Representação gráfica do Modelo de Análise Modular.

Essa representação gráfica do MAM facilita a compreensão do analista para a proposta do quadro teórico-metodológico oferecido em Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), cuja proposta é permitir que o analista do discurso compreenda a complexidade e a heterogeneidade das atividades discursivas. Desse modo, o modelo explicitado no quadro acima apresenta as três dimensões do discurso, linguística, textual e situacional, bem como os módulos que são contemplados em cada dimensão: os módulos lexical e sintático, que contemplam a dimensão linguística; o hierárquico, que contempla a dimensão textual; e os módulos referencial e interacional, que contemplam a dimensão situacional. Esses módulos são sistemas de informação de base que têm origem nas três dimensões do discurso, já as formas de organização, elementares ou complexas, surgem da acoplagem entre as informações dos módulos e/ou formas de organização. Enquanto as formas de organização elementares necessitam de uma articulação entre os módulos para serem descritas, as formas

de organização complexas surgem da combinação de informações surgidas dos módulos e das formas de organização elementares.

Conclusão

A pretensão de apresentar o MAM, em linhas gerais, neste artigo, surgiu do propósito de demonstrar que o modelo, à disposição para a comunidade acadêmica, mostra-se capaz de direcionar, teórica e metodologicamente, pesquisas que tomam como foco as produções discursivas, orais ou escritas.

Muitas são as opções que os pesquisadores têm entre as várias correntes de Análise do Discurso para procurar entender a atividade humana de produção de linguagem e, conseqüentemente, de produção discursiva. Essa capacidade humana de comunicação já é suficiente para direcionar, por si mesma, a integração e o entendimento dos fenômenos linguísticos. Assim como o próprio projeto intelectual da análise do discurso é, em seus fundamentos, interdisciplinar, também o MAM, a partir de uma abordagem multidimensional, transversal e não-reducionista, é um modelo que se mostra capaz de atender ao analista porque não privilegia uma ordem preferencial no tratamento dos diferentes aspectos do discurso, mas garante a liberdade para que, diante do objeto analisado e dos objetivos de análise, o analista possa escolher um percurso modular a ser seguido até que se consiga a análise da complexidade discursiva.

A proposta do modelo apresentado neste ensaio é fornecer um quadro teórico-metodológico que permita a descrição da organização dos discursos autênticos (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001). Uma vez que o modelo seja rigorosamente aplicado pelo pesquisador, ele é capaz de conduzir a uma eficiente descrição do discurso estudado, não se constituindo, portanto, como uma forma mecânica ou meramente estrutural de análise.

No Brasil, a divulgação e aplicação do MAM teve início em 1996, com o trabalho da Prof.^a Sueli Pires, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que defendeu sua tese de doutoramento empregando a teoria genebrina e passou, a partir daí, a orientar dissertações de mestrado e teses de doutorado oferecendo uma grande contribuição no âmbito dos estudos discursivos brasileiros. Atualmente, a Prof.^a Janice Helena Chaves Marinho continua desenvolvendo pesquisas e orientações, junto ao Programa de Pós-

Graduação em Estudos Linguísticos da citada universidade, que tomam como base teórica o modelo. Eddy Roulet, em Marinho, Pires e Vilela (2007) aponta o caráter inovador das pesquisas brasileiras e como o modelo tem sido aplicado de forma criativa em diferentes trabalhos dedicados à análise de produções discursivas.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução: M. Lahud e Y. F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

DUCROT, O. et.al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1973.

_____. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit, 1974.

MARINHO, J. H. C. *O funcionamento Discursivo do item onde: uma abordagem modular*. 2002. 305 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte, 2002.

_____. ; PIRES, Maria Sueli de Oliveira; VILLELA, Ana Maria Nápoles. (Orgs.). *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

_____. *A análise do discurso numa abordagem modular*. Asa-Palavra. Brumadinho, v.1, n. 8, jan., 2008, p. 77-88.

PIKE, K. *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior*. La Haye: Mouton, 1967.

ROULET, E. Um modelo e um instrumento de análise sobre a organização do discurso. In: MARI, H. et al. (Org.) *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso- FALE/UFMG, 1999. p. 139-166.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. (avec la collab. de Marcel Burger). *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Peter Lang, 2001.

SINCLAIR, J; COULTHARD, J.M. *Towards an analysis of discourse*. Oxford: University Press, 1975.

VILELA, A. M. N. A organização periódica de uma troca epistolar. In.: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. (Orgs). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 315-326.